

ANALOGIA: MITTERRAND

Paris admirou o modelo brasileiro e chegou a recomendá-lo à América Latina e até ao mundo

GILLES LAPOUGE

Correspondente

PARIS — No começo, Fernando Henrique Cardoso foi plebiscitado. A alegria brasileira era compartilhada. É preciso dizer que seu antecessor, Itamar Franco, era praticamente desconhecido, a não ser por seu encontro com uma mulher bem pouco vestida durante um certo carnaval.

Fernando Henrique, ao contrário, era familiar. Primeiro, por seu sucesso no Ministério da Fazenda, com a criação do Real e a derrubada da inflação. Depois, porque escolheu a França para morar, na época dos militares no Brasil. Professor da Escola de Altos Estudos Práticos (Ecole des Hautes Études Pratiques), ele era conhecido pelos intelectuais mais em evidência em Paris, e deixara a lembrança de um homem charmoso, inteligente e culto.

A França sentia-se orgulhosa pelo fato de um francófono ascender à Presidência. Os intelectuais franceses elogiavam seus méritos, entre eles o maior sociólogo francês, Pierre Bourdieu, e sobretudo Alain Touraine, que agia em Paris como um tonitruante porta-voz do novo presidente (chegando até a irritar alguns). Foi o período em que Paris admirou o modelo brasileiro e chegou a recomendá-lo a toda a América Latina e até ao mundo.

A esse mérito somavam-se outros dois: sabia-se que FH era um homem de esquerda, o que sempre agrada aos franceses, principalmente quando esse homem de esquerda evolui, com a idade, aproximando-se de posições mais moderadas, sábias, menos fervilhantes.

Afinal de contas, Fernando Henrique seguia um percurso análogo ao do presidente François Mitterrand, que, eleito como socialista há 14 anos, perdeu ao longo dos anos todas as suas plumas socialistas para se ver, no final do percurso, sob a pele de um conservador um pouco mais generoso e inteligente que os de fabricação mais antiga. Lembrou-se até que Fernando Henrique desempenhara um papel importante para organizar um encontro entre Tancredo Neves e Mitterrand, na propriedade rural do presidente em Latche, durante o breve intervalo entre a eleição e a morte de Tancredo.

Outro elemento seduziu a França: Fernando Henrique transmitia um sentimento de força, de calma, sem no entanto cair na insipidez. É preciso dizer que o desfile dos presidentes brasileiros, há 40 anos, tem dado aos franceses a imagem de um cortejo de homens divididos entre o excesso (no bem ou no mal) e a insignificância.

Do lado do excesso, pode-se lembrar o suicídio de Getúlio Vargas, os feitos tragicômicos de Jânio Quadros e do general Artur da Costa e Silva, que fez uma breve visita a Paris da qual os jornalistas ainda hoje guardam uma lembrança cômica.

Ainda do lado do excesso, mas no registro do lamento e da admiração, ficou marcado o estranho destino de Tancredo, morto antes de chegar ao ápice. Mais outro excesso: o inenarrável e afinal bem pouco original Fernando Collor de Mello. Entre essas figuras destacadas por suas cores brilhantes ou sombrias, outras foram geralmente recebidas aqui como insignificantes.

Visto da França, Fernando Henrique pertencia a outro modelo: o de um grande presidente, mais ou menos como Juscelino Kubitschek, que sobreviveu, não só por causa de Brasília, mas sobretudo pela amplitude de sua visão política.

Isso foi no começo dos primeiros

cem dias de governo. Deve-se constatar que o quadro perdeu suas escamas desde então. Impõe-se o sentimento de que Fernando Henrique, por convicção íntima ou pela complexidade do jogo político brasileiro, tem

sido atraído mais pela direita que pelo outro lado. Fala-se em virada para a direita, em submissão aos grupos de direita, etc. Observa-se que a indispensável reforma constitucional tem sido adiada dia após dia. Mais recentemente, o repentino aumento dos impostos de importação para uma centena de produtos — automóveis, eletrônicos ou eletrodomésticos — foi recebido como uma ducha fria.

Admite-se que o Brasil não poderia mais perder seu sangue na

quela cadência. Mas faz-se duas críticas: por que se lançou com esse ímpeto numa política de abertura mais abrupta, e mais ambiciosa que a da França, para em seguida mudar de rumo? E mudar sem antes alertar. A frase da ministra Dorothea Werneck — "Nada mudará até o ano 2000 no setor automobilístico" — pronunciada duas horas antes do anúncio do aumento da taxa de importação tornou-se um belo exemplo de "pérola política".

Essa é a idéia que Paris tem hoje após os cem dias do governo de Fernando Henrique. Tudo isso ainda é muito superficial, mas a França está emperada numa campanha presidencial medíocre (entre Jacques Chirac e Edouard Balladur), e lança portanto apenas olhares distraídos para o horizonte: Ainda mais porque até agora Fernando Henrique não fez nenhum gesto na direção

de Paris, prudência compreensível diante da incerteza sobre qual será o homem que vai entrar no Palácio do Eliseu em maio.

Corolário: os candidatos às eleições presidenciais francesas observam um mutismo total em relação ao Brasil de Fernando Henrique.

Dentro da infinita retórica, da cansativa litania dos discursos de campanha, o Brasil não recebeu muitos parágrafos; nem mesmo um ponto, ou ponto-e-vírgula. Nem o candidato socialista, Lionel Jospin, abriu o bico para falar sobre os países em desenvolvimento. Nada também sobre o Brasil, apesar de Jospin conhecer muito

bem esse país, onde esteve várias vezes.

Só um candidato pronunciou uma frase, muito amável, em relação ao Brasil e a Fernando Henrique. Foi Jacques Chirac, o provável vencedor da próxima disputa.

PRESIDENTE
TRANSMITIA
SENTIMENTO
DE FORÇA, DE
CALMA, SEM
CAIR NA
INSIPIDEZ

IMAGEM,
CONTUDO,
COMEÇA A
MUDAR